

PIRES DE OLIVEIRA, R. A “pergunta em questão” e a semântica dos sintagmas nominais no português brasileiro: anotações a partir de Menuzzi et al (2015). *ReVEL*, edição especial n. 21, 2024. [www.revel.inf.br].

## A “PERGUNTA EM QUESTÃO” E A SEMÂNTICA DOS SINTAGMAS NOMINAIS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: ANOTAÇÕES A PARTIR DE MENUZZI ET AL (2015)

*The “question under discussion” and the semantics of noun phrases in Brazilian Portuguese: notes on Menuzzi et al (2015).*

**Roberta Pires de Oliveira<sup>1</sup>**

ropiolive@gmail.com

**RESUMO:** O artigo baseia sua análise na metodologia que Menuzzi et al (2015) utilizam em sua investigação sobre a semântica do singular nu no português brasileiro, estendendo a análise para o plural nu e o definido singular. Parte da conclusão dos autores de que a relação entre estrutura informacional e singular nu é indireta e que o que importa é “a pergunta em questão”; isto é, o singular nu pode tanto ser tópico quanto foco e responde à pergunta sobre tipo de coisa ou espécie, definida como um grupo. Este artigo mostra que a metodologia da “pergunta em questão” é frutífera porque resulta em uma fotografia da distribuição semântica dos sintagmas nominais, o que permite identificarmos ingredientes distintos na sua composição. O singular nu denota a espécie, mesmo em contextos episódicos; o definido singular denota a espécie ou o espécime e pressupõe familiaridade e/ou unicidade. O plural nu é sobre pluralidades, denotando uma soma, independente do tipo de indivíduo. Há uma otimização das formas em competição, que permite compreender a complexidade das relações semânticas que os falantes mobilizam quando estão conversando sobre o dia a dia.

**PALAVRAS-CHAVE:** pergunta em questão; semântica; discurso; sintagmas nominais.

**ABSTRACT:** The article bases its analysis on the methodology that Menuzzi et al (2015) use in their investigation into the semantics of bare singulars in Brazilian Portuguese, extending the analysis to the bare plural and the definite singular. It starts from the authors' conclusion that the relationship between informational structure and the bare singular is indirect and that what matters is “the question in question”; that is, bare singulars can be both topic and focus and answer the question about type of thing or kinds, defined as a group. This article shows that the “question in question” methodology is fruitful because it results in a photograph of the semantic distribution of noun phrases, which allows one to identify distinct ingredients in their composition. The bare singular denotes the kind, even in episodic contexts; the singular definite denotes the kind or specimen and presupposes familiarity and/or uniqueness. The bare plural is about pluralities, denoting a sum, regardless of the type of individual. There is an optimization of the forms in competition, which shows the semantic complexity of the relationships speakers mobilize when they are talking about everyday life.

**KEYWORDS:** question under discussion; semantics; nominal phrases.

---

<sup>1</sup> Professora titular da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), pesquisadora do Conselho Nacional de Desenvolvimento e Pesquisa Científica (CNPq).

## Introdução

Este capítulo estende a metodologia em Menuzzi et al. (2015), que investigou a relação entre estrutura informacional e o singular nu no português brasileiro (PB), para o plural nu e o definido singular.<sup>2</sup> Os autores argumentam que essa relação, no caso do singular nu, é indireta, já que não há restrição discursiva para esse sintagma no PB: “o que importa [no licenciamento do singular nu] é que o proferimento sobre a espécie seja relevante para a pergunta em questão, e não que a espécie tenha um papel particular na estrutura de informação no contexto” (2015: 34).<sup>3</sup> Assim, a sentença em (1a) é gramatical e sua estrutura informacional depende do contexto; em outros termos, o singular nu pode ocupar qualquer posição discursiva, mas só responde a questões sobre o tipo de coisa ou a espécie envolvida no evento. Em outros termos, *mulher* denota a espécie em (1a), isto é, o tipo de pessoa que esteve envolvido na discussão em política. Espécies, para os autores, são grupos (Landman, 1981) que permitem envolvimento parcial, o que explica (1a), já que ela pode ser verdadeira mesmo que haja no limite uma mulher, esse espécime conta como exemplar da espécie. Não desenvolvem a forma lógica de sentenças como (1a). Argumentam que sentenças genéricas, como (1b), são indefinidas. O singular nu é então ambíguo entre espécie e indefinido. Podemos supor que a leitura indefinida está na forma lógica em (1c) (Menuzzi et al. (2015), exemplo (29b)), mas essa discussão não é feita explicitamente:

(1) Que tipo de pessoa discutiu política na festa?

a. Mulher discutiu política na festa.

Que tipo de pessoa chora muito?

b. Criança chora muito.

c. GEN[x;] (x is-a-child; x cries-a-lot)

---

<sup>2</sup> Agradeço ao convite e iniciativa dos editores do volume e ao revisor do artigo pelos inúmeros comentários, todos muito relevantes.

<sup>3</sup> “What matters is that the utterance about the kind be relevant for the question under discussion, and not that the kind itself plays a particular informational role in the context”. (Menuzzi et al, 2015: p. 34)

Se (1c) é a forma lógica de (1b), qual é a forma lógica das sentenças em (2a-b), nos mesmos contextos, em que aparece o definido singular, ‘a mulher’, e o plural nu, ‘mulheres’? Como esses sintagmas se comportam com predicados episódicos, (2c-d)?

(2) Que tipo de pessoa chora muito?

- a. A mulher chora muito.
- b. Mulheres choram muito.

Que tipo de pessoa discutiu política na festa?

- c. A mulher discutiu política na festa hoje.
- d. Mulheres discutiram política na festa hoje.

Este artigo (i) investiga essas questões comparando o definido, em (2a-c), e o plural nu em (2b-d) nos contextos em que Menuzzi et al. (2015) avaliaram o singular nu e (ii) aprofunda a análise da pergunta em questão (Roberts, 1996). O trabalho mostra que cada um desses sintagmas dá a sua contribuição, embora em contextos genéricos seja possível afirmar que o pensamento veiculado é o mesmo, trata-se de uma generalização. No entanto, sua semântica não é exatamente a mesma, e o resultado, iremos argumentar, não é o mesmo, mas para isso precisamos de uma semântica mais detalhada para descrever a forma lógica de (1b) em (1c), o que deixaremos para outro momento.

A análise mostra que os falantes de uma língua lidam com indivíduos de diferentes tipos, em particular, lidam com *espécies* e o que vamos chamar de *espécimes*, com base na linguagem da biologia, porque achamos mais claro do que indivíduo de nível de objeto (*object level individual*) em Krifka et al. (1995). Iremos, no entanto, defender que a vinculação com a biologia é uma alegoria porque se trata de uma capacidade de construir significado e estruturas distintas. No contexto, há estruturas que organizam os indivíduos em diferentes tipos.

A seção 1 é uma revisão de Menuzzi et al. (2015), com uma rápida passagem pela estrutura informacional e o singular nu, sua metodologia e conclusões dos autores sobre o singular nu no PB e a noção de grupo em Landman (1989). A seção 2 investiga esses contextos com o definido singular e o plural nu, ampliando também para a posição de objeto, que os autores não investigaram. Apresenta uma fotografia da distribuição semântica dos sintagmas em análise e argumenta que denotam

indivíduos distintos e são dinamicamente diferentes nos requisitos contextuais. Conclui que a metodologia de Menuzzi et al. (2015) é muito frutífera para entendermos a semântica de expressões linguísticas como os sintagmas nominais.

## **1. Menuzzi et al. (2015)**

Menuzzi et al. (2015) é uma investigação minuciosa sobre a relação entre o singular nu e a estrutura informacional, não apenas por causa da controvérsia opondo Müller (2004) e Pires de Oliveira & Mariano (2011), mas também tendo em vista a afirmação de Schmitt & Munn (1999, 2002) e Munn & Schmitt (2005) de acordo com a qual haveria restrições discursivas ao singular nu quando em posição de sujeito de predicados episódicos; por exemplo, o singular nu só ocorreria sobre o escopo de partículas focalizadoras como ‘só’, ou em contexto de lista. Müller (2004) afirma que o singular nu só poderia ocorrer em posição de tópico, não podendo ser focalizado. Pires de Oliveira & Mariano (2011) apresentam dados experimentais que mostram que esse não é o caso. Menuzzi et al (2015) analisam essas questões a partir do quadro teórico da estrutura de informação. Nessa seção, apresentamos o singular nu no PB, em seguida um esboço do modelo teórico adotado e finalizamos com as conclusões de Menuzzi et al.

### **1.1 O Singular Nu**

O singular nu é um sintagma nominal característico do PB; ele é agramatical em todas as demais línguas românicas e também no inglês.<sup>4</sup> O PB e essas outras línguas são línguas com morfologia de número e artigos. Em inglês, o plural nu é gramatical, assim como no PB. Nas demais línguas românicas, mesmo o plural nu é restrito. O singular nu caracteriza-se por ser um sintagma que não está encabeçado por um artigo (nem definido nem indefinido) e também por não carregar morfologia de plural. Ele ocorre tanto em posição interna quanto externa de predicados

---

<sup>4</sup> Para uma revisão sobre o singular nu, veja Ferreira (2021).

genéricos, como mostra (1b) acima e o exemplo em (3a), como com predicados episódicos como em (3b):

- (3) a. Anta come fruta.  
b. João comprou laranja na feira ontem.

Predicados genéricos são aqueles que combinam com advérbios como ‘geralmente’, enquanto predicados episódicos não aceitam tal combinação, como é possível ver no contraste abaixo:

- (4) a. Anta geralmente come fruta. ok  
b. \* João geralmente comprou laranja na feira ontem.

Predicados episódicos dizem respeito a um evento ancorado no tempo, como é o caso da sentença em (1a), em que houve um evento de discussão, e como em (3a) em que houve um evento particular de compra de laranja.

A literatura (Krifka et al 1995) entende que há dois tipos de genericidade: ou ela é sentencial, exemplificada em (1b) e (3a), e está, portanto, associada ao aspecto, ou ela vem do próprio sintagma nominal. Um sintagma é genérico se ele se combina com predicados de espécie, como é o caso de ‘estar em extinção’ ou ‘estar acabando’ em dialetos mais populares. A sentença em (5a) mostra que ‘João’ não se combina com ‘estar em extinção’ porque denota um indivíduo ordinário como você e a Terra. Já (5b) mostra que o definido singular ‘a baleia’ denota a espécie. Ao menos para alguns dialetos do PB, o singular nu pode ocupar essa posição, (5c):

- (5) a. \*João está em extinção.  
b. A baleia está em extinção.  
c. Baleia está em extinção. (em disputa)

Müller (2002 a,b) entende que (5c) é agramatical e essa será a razão pela qual ela afirma que o singular nu em sentenças genéricas, como em (1b) repetida em (6a), só pode ocorrer na posição de tópico, como restritor do domínio da quantificação

genérica, GEN, associado, no PB, à morfologia de presente do indicativo. GEN prende não seletivamente as variáveis em questão, como na forma lógica em (1c) repetida em (6b). Vale notar que em (6b) estamos diante de uma quantificação sobre indivíduos:

- (6) a. Criança chora muito.  
b. GEN[x;] (x is-a-child; x cries-a-lot), conforme original em inglês.

Logo, a sentença em (6a) só pode ser usada com felicidade em contextos em que os interlocutores estão falando sobre crianças. Para Schmitt & Munn (1999, 2002), Munn & Schmitt (2005) e Pires de Oliveira & Rothstein (2011), (5c) é gramatical, logo, ‘baleia’, em (5c), denota a espécie e nesse caso a forma lógica é a atribuição do predicado a um indivíduo, como em (7):<sup>5</sup>

- (7) Estar-em-Extinção (b)

em que b é o argumento do predicado e é a espécie baleia. Ou seja, no domínio há indivíduos espécies e indivíduos espécimes, como o indivíduo de nome João, que a literatura chama de indivíduos de nível de objeto (Krifka et al 1995). Para Müller, o singular nu é sempre um predicado, como em (6c), ‘x is-a-child’, não pode ser um indivíduo.

Schmitt e Munn (1999, 2002) afirmam que o singular nu em posição de sujeito de predicado episódico, como em (1a), repetida em (8a) por conveniência, exigiria estar sob o escopo de uma partícula focalizadora como em (8b) ou em um contexto de lista (8c); haveria assim uma restrição discursiva para o singular nu:

- (8) a. # Mulher discutiu futebol na festa ontem.  
b. Só mulher discutiu futebol na festa ontem.  
c. Até mulher discutiu futebol na festa ontem.

---

<sup>5</sup> Ver Mariano (2018) e Santana (2019) para experimentos que mostram que adultos falantes do PB aceitam o singular nu com predicados episódicos e de espécie.

Menuzzi et al. (2015) retomam essas questões investigando a relação entre as estruturas informacionais e o singular *nu e se* há alguma restrição discursiva (só em contexto de lista, ou sob um focalizador).

## 1.2 Estruturas informacionais

Uma estrutura informacional é, segundo Rodrigues & Menuzzi (2011), um particionamento da sentença em “tópico” e “comentário”, a partir de uma pergunta, a “pergunta em questão” (Roberts, 1996). A pergunta particiona a sentença em tópico e comentário. Por exemplo, tanto a pergunta em (9a) quanto sua resposta, que chamaria de pedante em (9b), porque a resposta corriqueira seria apenas o sintagma focalizado, ‘a Maria’, mostram que há uma organização do fluxo de informação. A conversa é sobre o João, o tópico, representado por T, na situação em que ele estava no cinema, o comentário, representado por C. Diferem quanto ao que está sendo colocado discursivamente. (9a) é uma pergunta, que mostra a falta de conhecimento do falante sobre quem João encontrou no cinema, pressupondo uma lista de candidatos. Essa é a informação solicitada, o foco, representado por F, o único elemento linguístico que não pode ser elidido:

- (9) a. Quem o João encontrou no cinema?
- b. O João encontrou a Maria no cinema.
- c. [O João]T [encontrou [a Maria]F no cinema]C

A representação semântica de estruturas de informação tão simples quanto em (9) envolve várias questões, inclusive sintáticas, que não podemos levar adiante neste capítulo, mas que merecem consideração. Podemos, por exemplo, assumir que ‘a Maria’ está em posição de foco numa estrutura de movimento do constituinte, como na cartografia (Quarezemin 2011, entre outros). Além disso, estamos lidando com contexto e troca de informação, e portanto dentro de um quadro de semântica dinâmica.

A base da abordagem semântica para questões contextuais está em Stalnaker (1974), em que um contexto é um conjunto de proposições tomadas como verdadeiras pelos interlocutores. O chamado *common ground*, o fundo comum. Assim, a pergunta em (9a) indica que os interlocutores conhecem o João e a Maria, sabem de que cinema eles estão falando, que o João foi no cinema na noite anterior à conversa, e outras informações pressupostas no contexto. Proferir (9b) é feliz em contextos em que os interlocutores compartilham essas e muitas outras informações.

Uma maneira que se mostrou muito frutífera na semântica contemporânea de descrever e explicar o fluxo de informação e também o comportamento de partículas focalizadoras é a semântica de alternativas introduzida por Rooth (1992), assumida em Rodrigues & Menuzzi, em que itens focalizados são disparadores de alternativas. Há uma condição de congruência entre a pergunta e a resposta, a resposta apropriada está contida na pergunta, o que garante que o fundo conversacional seja compartilhado, isto é, a resposta está contida na denotação da pergunta, que é o conjunto de respostas.

Os interlocutores compartilham a informação de que João foi no cinema e lá ele encontrou pessoas, mas A não sabe qual ou quais pessoas João encontrou. Eles compartilham um conjunto de candidatos dentro do universo de discurso, digamos, a Maria, o Pedro e o Carlos. A pergunta, que é formulada com os elementos lexicais da resposta, denota o conjunto de respostas, isto é, um conjunto de proposições, que são conjuntos de mundo (Ferreira 2023), entre elas o conjunto vazio. A pergunta em questão é feliz em diferentes fundos de conhecimento, que contenham como mínimo os elementos da pergunta. Em outros termos, a pergunta constrói um mínimo de contexto em comum, em que aqueles elementos são compartilhados. Logo, a pergunta denota o conjunto das alternativas de encontro do João no momento em questão, como em (10a). Suponha que há apenas 3 indivíduos, o resultado está expresso em (10b):

- (10) a.  $\| \text{quem o João encontrou no cinema} \| = \{ \{ w \in W : \text{João encontrou } x \text{ em } w \} : x \in D \}$   
b.  $\{ \{ \text{João encontrou a Maria em } w \}, \{ \text{João encontrou o Pedro em } w \}, \{ \text{João encontrou o Carlos em } w \} \}$



A resposta afirma que dessas, a proposição que João encontrou a Maria é verdadeira, como em (10a), como representado em (10b), excluindo o conjunto vazio dada a pressuposição de existência da pergunta. (10b) é o conjunto de respostas compartilhadas pelos interlocutores; não excluem outras possibilidades, quer porque João encontrou alguém que nenhum dos interlocutores conhece, quer porque ele encontrou alguém que apenas um dos interlocutores conhece. Uma operação de exaustificação acrescentaria a informação de que ele não encontrou mais ninguém, como é o caso em (11b):

- (11) a.  $\|O \text{ João encontrou [a Maria]F no cinema}\| = \{w \in W: \text{João encontrou a Maria em } w\}$
- b. O João encontrou só a Maria no cinema.

Em (10a), temos o conjunto de mundos em que o João encontrou cada um dos referentes discursivos compartilhados pelos interlocutores. Assim, é fácil ver que (11a) está contido em (10b); a resposta está na pergunta! O argumento sobre o singular nu dizia respeito à estrutura informacional. Ele afirma que o singular nu no PB só poderia ocorrer em posições não argumentais e mais precisamente em posição de tópico. Logo, não poderia ser resposta para uma pergunta em que seu conteúdo fosse a informação solicitada. Por exemplo, não poderia ser resposta para uma pergunta como ‘que tipo de bicho comeu suas plantas?’. Menuzzi et al. mostram que a estrutura informacional não interfere, porque o singular nu pode ocupar posição de foco e ser a resposta para uma pergunta como a exemplificada; por exemplo ‘rato’. Os autores mostram que o singular nu ele é sensível à pergunta em questão que, no caso do singular nu, é sobre o tipo de coisa ou a espécie. Vejamos isso em detalhe na próxima seção.

### **1.3 O Singular Nu e a Estrutura de Informação**

Como vimos, Müller (2002a, 2004) entende que o singular nu em posição de sujeito de sentenças genéricas restringe o domínio do operador genérico. Assim, ele precisa ser interpretado como tópico, ou seja, é a informação pressuposta ou

compartilhada. A sentença como (1b), repetida em (12a), tem, nessa abordagem, a estrutura sintática em (12b):

- (12) a. Criança chora muito.  
b. [TOP Criança<sub>i</sub> [IP [pro<sub>i</sub> chora muito]]]

A informação que está sendo dada é resposta à pergunta ‘O que criança faz?’; isso é, a pressuposição é o conjunto de coisas que crianças fazem, que caracterizam as crianças: cheirar bem, ser carinhosa. O singular nu denota uma propriedade, é um indefinido, isto é, um predicado que é fechado por um quantificador mais alto na derivação, nesse caso, um operador genérico. A resposta indica que a propriedade de chorar muito está na intersecção de propriedades que definem ser uma criança.

No entanto, essa é apenas uma possibilidade de uso dessa sentença. Menuzzi et al (2015) mostram que é possível proferir sentenças genéricas com o singular nu em contextos em que ele está em posição de foco, ou seja, as alternativas estão no sintagma nominal. Considere, por exemplo, a sentença em (12a) como resposta à pergunta em (13). Nesse caso, ‘criança’ está em posição de foco, como representado em (13a) As alternativas são tipos de coisas que choram muito, ou as espécies:

- (13) Que tipo de pessoa chora muito?  
a. [Criança<sub>F</sub> [T chora muito [IP t<sub>1</sub> t<sub>2</sub>]]].  
b. Bêbado chora muito.  
c. #João chora muito.

A pergunta constrói um conjunto de alternativas em que há uma “tipologia” de pessoas compartilhada pelos interlocutores, ou seja, pressupõe essa tipologia, como exemplificado em (13a-b). (13c) mostra que um nome próprio ‘João’ não é uma resposta a pergunta em questão e sua interpretação exige algum tipo de coerção em tipo de pessoa: pessoas como João choram muito. O ponto crucial do exemplo em (13) é que ‘criança’, em (13a), está em posição de foco, a informação solicitada. Como dissemos, os autores não são claros sobre a forma lógica de sentenças genéricas como (13a-b). Se pensamos em termos discursivos, as alternativas são tipos de pessoas.

Logo, ‘tipo de’ parece ser um predicado que relaciona indivíduos: crianças e bêbados são tipos de pessoas. Assim, ‘criança’ e ‘bêbado’ não denotam um indivíduo em particular, mas grupos de indivíduos. Como dissemos, responder com um nome próprio gera um custo interpretativo que permite entender que o João é talvez um protótipo de chorador. Seja como for, a pergunta é evidência clara que os falantes organizam os indivíduos, nesse caso em uma tipologia de pessoas.

Menuzzi et al (2015) mostram ainda que o singular nu pode ocupar posição de sujeito de predicado episódico de forma natural, contra Schmitt & Munn (2002), isto é, sem exigir que o contexto seja de lista ou de foco prosódico. Proferimentos com o singular nu como em (14a-c) não exigem contexto de lista, ou estar sob o escopo do foco, já que são respostas para uma pergunta de foco amplo, (14a-b). A pergunta com a resposta em (14c) é mais um exemplo de que a conversa é sobre grupos de pessoas, exigindo como resposta tipos de coisa:

(14) O que aconteceu na festa ontem? Por que você está surpreso?

a. Mulher discutiu futebol na festa ontem.

b. porque tinha mulher falando de FUTEBOL lá. (Menuzzi et al., p. 31)

Que grupo de pessoas discutiu futebol ontem na festa?

c. Mulher discutiu futebol na festa ontem.

Em todos os casos, os autores afirmam que a interpretação do singular nu é tipo de coisa ou espécie. Não apresentam a forma lógica, no entanto. Argumentam que é a relevância que explica porque a resposta em (15a) não é adequada como resposta à pergunta ‘quem’:

(15) Quem ganhou na loteria?

a. ?? Mulher (ganhou na loteria). (exemplo (23), p. 29)

Não seria plausível que um grupo em particular ganhasse na loteria. A referência à espécie não é relevante, logo (15a) é marcada discursivamente. No entanto, talvez haja uma diferença entre ‘quem’ e ‘que tipo de coisa/o que’, que transparece no diálogo em (15).

Os autores tiram duas conclusões sobre o singular nu: (i) ele é livre para ocorrer em qualquer posição discursiva e (ii) denota a espécie. Os autores entendem que espécies são grupos como em Landman (1989) porque não exigem envolvimento completo, “we assumed that kinds may be taken to be groups, and as such give rise to incomplete involvement readings” (2015: 41). Nessa proposta, ‘Beatles’, ‘UFSC’, ‘criança’ e ‘mulher’ denotam grupos, que são indivíduos intensionais, isto é, os Beatles é mais do que a soma de seus componentes. Uma propriedade que certamente as espécies têm. Os autores não apresentam a derivação para o singular nu, logo não sabemos se há um operador que toma um predicado e gera um grupo ou essa informação já estaria no léxico, ou outro mecanismo qualquer. Também não há a definição formal de grupo, mas ‘Beatles’ e ‘UFSC’ são nomes próprios, enquanto ‘criança’ e ‘mulher’ parecem ter conteúdo morfológico, sendo derivados de um radical nominal. Seja como for, a proposta é que ‘mulher’ no nosso exemplo em (1a) denota a espécie, um grupo que se associa por compartilhar uma propriedade em particular, a de serem mulheres. A espécie combinada a um predicado episódico gera uma leitura de envolvimento incompleto daqueles que são os representativos da espécie. O segundo ingrediente é que seja relevante no sentido de ser a resposta para a questão em discussão (Roberts 1996). Esse ingrediente explica por que o singular nu só pode ser o sujeito de sentenças episódicas se a espécie for relevante. Concluem que Pires de Oliveira & Rothstein (2011), que propõem que o singular nu denota a espécie, é uma explicação melhor para os dados.

## **2. Plural Nu e Definido**

Menuzzi et al. (2015) concluem que o singular nu em posição de sujeito de sentença episódica não precisa ser nem foco, nem tópico contrastivo, “não precisa ter nenhuma “proeminência prosódica”, nem contraste”. “Indeed, we think we have shown that the role information structure plays in improving their acceptability is indirect: what matters is that the utterance about the kind is relevant for the question under discussion, and that the kind itself plays a particular informational role in the context” (p. 34). Esse papel indireto permitiu aos autores concluir que o singular nu denota a espécie, porque essa é a pergunta em questão que ele demanda. Assim, investigar a pergunta em questão para a qual uma dada sentença é resposta pode nos

dizer sobre a sua semântica. Nosso objetivo é estender essa metodologia para o plural nu e o definido singular, revisitando os contextos em Menuzzi et al. (2015) e introduzindo novos contextos.

Como já dissemos, com predicados genéricos a diferença entre os sintagmas nominais praticamente se apaga, porque qualquer sintagma ocupa a posição de argumento de predicado genérico. O exemplo analisado em Menuzzi et al. (2015), repetido em (16a), não é um predicado genérico forte, por assim dizer, por causa do modificador ‘muito’ que modifica eventos de choro, introduzindo um componente de episodicidade; o que talvez facilite a leitura de descrição definida para a sentença em (16c), que parece ser ambígua entre ser sobre um tipo de coisa em particular ou sobre um espécime em particular, uma leitura que não é favorecida pela pergunta em ‘que tipo de pessoa’, mas é por ‘quem’:

- (16) Que tipo de pessoa chora muito? Quem chora muito?
- a. Criança chora muito.
  - b. Crianças choram muito.
  - c. A criança chora muito.

A resposta mais adequada para a pergunta sobre o tipo de pessoa é o singular nu, (16a). (16b) é uma generalização sobre indivíduos. Já (16c) é ambígua pode ser uma generalização sobre crianças em geral, quando a pergunta é sobre o tipo de pessoa, ou o comportamento de uma criança em particular, quando é uma pergunta com ‘quem’.

As três formas são aceitáveis com predicados de espécie, isto é, denotam a espécie. No entanto, Pires de Oliveira & Rothstein (2011) entendem que (17c) tem tanto a leitura de espécie quanto existencial, em que algumas subespécies de baleia, como as baleias azul e as orcas, estão em extinção:

- (17) O que está em extinção?
- a. A baleia está em extinção.
  - b. Baleia está em extinção.
  - c. Baleias estão em extinção.

Se de fato ‘baleias’ denotar sub-espécies, então deve ser possível retomar ou apresentar especificamente quais são elas. Já ‘a baleia’ e ‘baleia’ são contraditórias porque tomam apenas a totalidade. Em (18) testamos a retomada de subespécies e em (19) a sua nomeação:

- (18) a. A baleia está em extinção. # Embora algumas não estejam.  
b. Baleia está em extinção. # Embora algumas não estejam.  
c. Baleias estão em extinção. Embora algumas não estejam.
- (19) a. # A baleia está em extinção: a orca e a azul  
b. # Baleia está em extinção: a orca e a azul.  
c. Baleias estão em extinção: a orca e a azul.

Essa é uma indicação de que há uma distinção entre sintagmas singulares, com e sem artigo, *versus* sintagma com plural. Descritivamente, o plural nu permite uma denotação parcial, isto é, não precisa ser a totalidade, e é uma soma.

No domínio da genericidade, Dobrovie-Sorin e Pires de Oliveira (2008) mostram que com propriedades acidentais, como ser uma garrafa azul, aparece uma diferença entre o definido singular e o singular nu:

- (20) a. Garrafa azul tem gargalo estreito.  
b. A garrafa azul tem gargalo estreito.  
c. A garrafa de Coca-Cola tem gargalo estreito.  
d. Garrafa de Coca-Cola tem gargalo estreito.

(20a), (20c) e (20d) são genéricas, mas uma das leituras de (20b) é que seja sobre uma garrafa em particular. O contraste entre (20b) e (20c) é que sabemos que há uma garrafa padrão de Coca-Cola; (20b) não é genérica, precisamente porque não há nenhum padrão de garrafa azul; logo interpretamos como sendo sobre uma garrafa em particular, um espécime. Se no contexto houver padrões de garrafa por cor, por exemplo, em uma fábrica com garrafas de cores diferentes correspondendo a tipos distintos de garrafa, então (20b) ganha leitura genérica, porque o contexto

garante que há uma espécie de garrafa azul. O definido genérico é feliz em um contexto em que há pressuposição de que a espécie é conhecida dos interlocutores. O singular nu não impõe qualquer restrição. É indiferente ao tipo de predicado, sempre denota a espécie. Já o plural nu faz uma generalização indutiva sobre os espécimes de garrafas azuis:

(21) Garrafas azuis têm gargalos estreitos.

(21) afirma uma generalização a partir de espécimes. A questão de haver ou não uma espécie conhecida pelos interlocutores não se coloca.

Com predicados episódicos de espécie, como no exemplo famoso em (22a), com o definido singular, a literatura entende que há uma leitura de representativo da espécie, um conceito que está associado a envolvimento incompleto, como lembram Menuzzi et al. (2015). O evento de entrada na América foi efetivamente realizado por espécimes, mas conta como um fato na história da espécie, já que até então não havia espécimes desse tipo nas Américas. (22a) e (22b) têm a mesma interpretação, ambos denotam a espécie, embora possa haver não apenas diferenças de julgamento de aceitabilidade como de significado. Apenas (22c) pode ter uma interpretação de que houve um evento em particular em que espécimes de cavalo estiveram envolvidos (não necessariamente um fato histórico da espécie):

- (22) a. O cavalo entrou nas Américas com os colonizadores.  
b. Cavalo entrou nas Américas com os colonizadores.  
c. Cavalos entraram nas Américas com os colonizadores.

Na posição de sujeito de predicado episódico, o definido singular em (23a-b) é sobre um espécime em particular, uma certa mulher; a leitura de espécie está bloqueada. O plural nu, em (23c-d), é interpretado como ‘algumas’, um indefinido fraco, descritivamente falando:

- (23) O que que aconteceu? Por que você está surpreso?  
a. A mulher discutiu futebol na festa.

- b. porque tinha a mulher falando de FUTEBOL lá.
- c. Mulheres discutiram futebol na festa.
- d. porque tinha mulheres falando de FUTEBOL lá.

O mesmo padrão se observa em (24). Em qualquer das respostas, houve um evento de comer em que há um agente envolvido; a diferença está no agente. Em (24a), o agente é a espécie, ou o tipo de animal ou coisa; o uso do definido singular, em (24b), leva a interpretação de um espécime saliente no contexto, aquele rato que os falantes conhecem; e o plural nu tem uma interpretação existencial, (24c), de que ratos foram os agentes do evento:

(24) O que aconteceu?

- a. Rato comeu minha plantação.
- b. O rato comeu minha plantação.
- c. Ratos comeram minha plantação.

Nesse caso, há uma clara distribuição da interpretação gerenciada pelo sintagma nominal. O singular nu é uma informação sobre o tipo de coisa, o definido singular é um espécime daquele tipo de coisa, e o plural nu é sobre espécimes daquele tipo de animal ou sobre a espécie.

Menuzzi et al (2015) não investigam a posição de objeto, que, segundo a sua nota (1) de rodapé, exige um estudo à parte. Iremos apenas observar dois contextos que indicam na mesma direção da distribuição verificada em (24):

(25) O que o João comprou na feira hoje? Que tipo de coisa João comprou na feira hoje?

- a. João comprou laranja na feira.
- b. João comprou laranjas na feira.
- c. João comprou a laranja na feira.

(25c) é possível tanto com a leitura esdrúxula de que há uma única laranja e foi isso que o João comprou quanto com a leitura de tipo de coisa que foi comprado na



feira, ele comprou a laranja entre as coisas de outros tipos que foram compradas. Como a literatura já mostrou, o definido singular, como objeto de predicado episódico, em alguns contextos tem interpretação de espécie. Esse é o caso de (25c) porque se trata de um contexto em que há uma lista de tipos de coisa que foram compradas na feira. Mas nem sempre isso ocorre, como mostram os exemplos em (26) e (27), ambos conhecidos na literatura sobre o plural nu em inglês desde Carlson (1977), retomado em Chierchia (2024), entre outros:

- (26) O que o João fez ontem a tarde inteira?
- a. # João matou o mosquito a tarde inteira.
  - b. João matou mosquito a tarde inteira.
  - c. João matou mosquitos a tarde inteira.
- (27) Que bicho que o João matou ontem a tarde inteira?
- a. # João matou a galinha a tarde inteira.
  - b. João matou galinha a tarde inteira.
  - c. João matou galinhas a tarde inteira.

Descritivamente, o singular nu é a melhor resposta (26b) e (27b). O plural nu é pedante, por assim dizer, já que o plural indica que mais de um espécime está envolvido. A leitura de tipo de coisa para (26c) e (27c) não é presente, em contraste com (27b) e (27c). O definido genérico só tem a leitura esdrúxula se houver uma repetição de morte do mesmo indivíduo, o que não é possível na nossa vida cotidiana. No entanto, em um contexto de vídeo game em que o objetivo é matar a galinha que aparece repetidamente, a interpretação melhora.

O problema em (26) e (27) é duplo porque, em contextos neutros, que excluem o uso em videogames por exemplo, ‘matou’ é um *achievement*, um predicado que denota um evento instantâneo de mudança de estado. Não poderia se combinar com um advérbio de tempo durativo, como ‘a tarde inteira’, a não ser que a interpretação seja de repetição: foram vários eventos de matar durante o intervalo em aberto (na leitura pedante, um para cada uma das coisas que foram abatidas no período). Os nominais nus, (27b) e (27c), permitem essa leitura porque denotam espécimes,

embora, como argumentaremos, façam isso de maneira distinta. O segundo problema é explicar por que a leitura de espécie não está disponível para o definido singular.

Finalmente, uma última consideração é sobre o caso, discutido em Menuzzi et al. (2015), sobre a felicidade do singular nu como resposta a uma pergunta ‘quem’. Trata-se do exemplo sobre o ganhador da loteria. Segundo os autores, o singular nu não é uma resposta totalmente adequada, porque, eles explicam, não se trata de um contexto relevante para a espécie. Assim, (28a) não é feliz porque o contexto não é sobre espécies. Talvez seja essa a explicação para o fato de que o plural nu também não é uma resposta adequada. A previsão, no entanto, é que o definido singular deveria denotar um espécime, o que efetivamente ocorre:

(28) Quem ganhou na loteria?

- a. ?? Mulher (ganhou na loteria). (exemplo (23), p. 29)
- b. ?? Mulheres ganharam na loteria.
- c. # A mulher ganhou na loteria.

A sentença em (28c) é estranha sem contexto, porque exige que há uma única mulher saliente no contexto. Mas suponha uma situação em que há um casal e sabemos que um deles ganhou na loteria. Nesse contexto, (28c) faz todo sentido. Com isso queremos sugerir que perguntas ‘quem’ são sobre espécimes, enquanto perguntas com ‘tipo de’ exigem resposta de espécie e perguntas ‘o que’ permitem leituras de espécies.

A tabela 1 abaixo resume as interpretações que os sintagmas recebem quando combinados com diferentes tipos de predicado:

	Singular Nu	Plural Nu	Definido
Posição de sujeito			
Genéricos	espécie	espécie	espécie espécime
Extinto	espécie	espécie subespécie	espécie
Episódicos	espécie	espécie	espécie

Espécie		espécimes	
Acidentais	espécie	espécimes	espécie pressuposição
Episódicos	espécie	espécimes	espécime
Posição de objeto			
	espécie	espécimes	espécime espécie (se forçado)

**Tabela 1:** Interpretação dos sintagmas nominais em análise.

A generalização semântica é a seguinte: o definido singular é interpretado preferencialmente como espécimes em contextos episódicos, embora a interpretação de espécie esteja disponível se o contexto for de lista; o singular nu denota a espécie; e o plural parece denotar espécimes, espécies e subespécie. O definido singular exibe um comportamento pressuposicional de familiaridade com o indivíduo, seja espécie ou espécime; mas a leitura de espécie com predicados episódicos exige contextos em que a conversa é sobre tipos de coisa. O plural nu tem o maior leque de possibilidades de interpretação, incluindo subespécies. Assim, em contextos genéricos parece que o plural nu não exige maximalidade, enquanto o singular nu e o definido singular exigem. O singular nu parece ter apenas a leitura de espécie. Não parece admitir leitura de espécime e tampouco de subespécie.

## 2.1 A semântica e o discurso

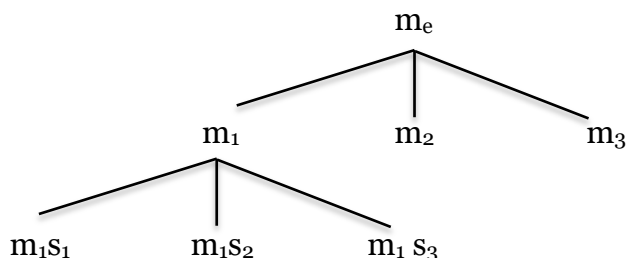
A metodologia de investigar a pergunta em questão para os sintagmas nominais mostrou que há sutilezas na sua interpretação. Ela permite ver mais claramente que os falantes lidam com diferentes tipos de indivíduos: espécimes (atômicos e plurais), espécies e subespécies. Elas falam sobre espécimes ou espécies a depender da conversa e usam para isso diferentes estratégias linguísticas. As perguntas de Menuzzi et al. eram sobre tipo de coisas, já indicando que os falantes lidam com grupos ou espécies. Os autores sustentam que o singular nu denota a espécie, e a seção anterior confirma essa intuição. Logo, sua estrutura está em (29a), em que  $e_k$  é uma espécie em particular. A seção anterior levantou a hipótese de que o plural nu denota uma soma, intuição que representamos em (29b) por  $e_p$ .

Finalmente, o definido singular ou denota a espécie,  $e_k$ , e o espécime, que representamos por  $e$ . Todos esses sintagmas ocupam posição argumental e, portanto, denotam um indivíduo<sup>6</sup>:

- (29) a.  $[[ [DP N] ]] = e_k$   
 b.  $[[ [DP Nplural] ]] = e_p$   
 c.  $[[ [ DP [DET N] ] ] ] = e_k$  ou  $e$

Esses indivíduos compartilham uma mesma informação de conteúdo, dada pelo nome, representado por  $N$ . Por exemplo, ‘mulher’, ‘mulheres’, ‘a mulher’, ‘baleia’, etc.

Com predicados de espécie, a diferença entre o singular nu e o definido singular se apaga; o plural nu pode denotar subespécies, mas pode também ser sobre a espécie. Espécies não devem ser confundidas com as espécies naturais da biologia. Semanticistas estão comprometidos com entender a capacidade que os falantes demonstram de compreender as sentenças de sua língua. Espécies são indivíduos que, em um dado momento do tempo, ocorrem em diferentes lugares e em diferentes configurações (sozinhos, em pares, em grupos...). Elas são realizadas pelos espécimes. Abaixo um exemplo com base em Carlson (1977), em que  $m_e$  é a espécie mulher;  $m_1$ ,  $m_2$  e  $m_3$  são realizações dessa propriedade e são indivíduos esparramados no tempo; as realizações, por sua vez, se realizam em estágios, como representado para  $m_1$ , fatias tempo-espaciais:

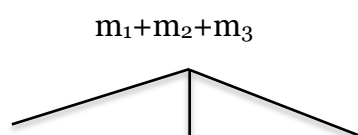


**Figura 1:** Realização.

<sup>6</sup> Estamos falando sobre a semântica do DP e ignorando inúmeras questões que dizem respeito à derivação desses sintagmas porque nosso objetivo é entender dinâmicas discursivas.

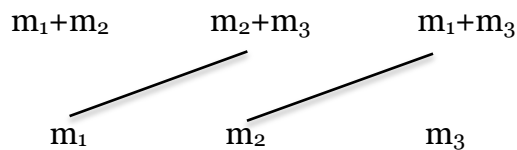
Todos aqueles que são mulheres realizam a propriedade de ser mulher. A espécie, no entanto, não é uma realização de si mesma. Nesse sentido, é um grupo, porque o todo é maior do que as partes, como em ‘a orquestra’, ‘UFSC’ ou ‘Beatles’. Entretemos relações com as espécies cotidianamente, sempre que estamos em contato com alguma de suas realizações (Landman & Rothstein, 2010). Assim, a forma lógica para o plural nu no inglês em uma sentença com verbo *achievement* como em ‘Guests arrived the whole afternoon’ é explicada pela relação com a espécie. É o modo como a espécie participa de um evento que resulta numa interpretação atética do VP. Assim, se o singular nu denota a espécie, devemos esperar que ele produza atelicidade em predicados télicos e também que sua interpretação seja de uma quantidade indefinida. Nessa perspectiva, em (25a), o falante veicula semanticamente que houve um evento de compra em que João é o agente e a espécie laranja é o tema. Se as espécies são suas realizações, então inferimos que houve espécimes envolvidos no evento. Não há qualquer informação sobre quantidade de laranja, embora haja a inferência de que alguma quantidade de laranja está envolvida. A forma lógica de todas as sentenças com o singular nu é, na verdade, bastante simples, em particular se ignoramos a estrutura interna do sintagma nominal; é um argumento que denota uma espécie em particular; as realizações são inferências. O singular nu é especializado para denotar a espécie. Ao mesmo tempo, ele dá uma informação máxima, já que é válido apenas se a conversa é sobre espécies, e muito pouca informação, porque só informa o tipo de coisa que está envolvido no evento.

A estrutura em (29b) é mais complexa, porque aparece a flexão de plural, que carrega a informação de que é uma soma<sup>7</sup>. Somas, representadas por +, são homogêneas e divisíveis, somas geram somas e são formadas por somas, logo,  $m_1$  é uma soma: a soma de  $m_1$  com  $m_1$  mesmo<sup>8</sup>.



<sup>7</sup> Não é nossa intenção discutir a semântica da flexão de plural no PB. Ver Pires de Oliveira (2019) entre outros.

<sup>8</sup> Link (1983) introduziu a noção de soma e reticulados na semântica.



**Figura 2:** Semi-reticulado

Assim, ‘laranjas’ é uma soma de laranjas atômicas. Pode ser uma soma de indivíduos, de subespécies ou a espécie enquanto pluralidade, isto é, a soma máxima de indivíduos, representado por  $m_1+m_2+m_3$ . Assim, a leitura de espécie é derivada do fato de que o plural nu pode denotar a soma máxima. Há dois caminhos para essa derivação: ou da soma máxima infere-se a espécie, via algum enriquecimento pragmático, ou há uma operação semântica que gera a espécie<sup>9</sup>. Sendo uma soma máxima, o plural nu sempre dará acesso às somas, por isso, é o único que permite leitura parcial, como vimos no exemplo com o predicado de extinção. Sua semântica apenas indica soma. Há assim no mínimo uma diferença de composição, em (29a) temos um indivíduo singular, enquanto que em (29b) temos um indivíduo plural.

O definido singular, ‘a laranja’, pode tanto denotar a espécie, me, na figura 1, quanto um indivíduo em particular, na interpretação esdrúxula,  $m_1$ , por exemplo. Denota uma singularidade, como o singular nu, mas tem alcance sobre espécies e espécimes. Essa duplicidade de interpretação levanta várias questões. Dayal (2004), por exemplo, afirma que o artigo definido é o operador  $\iota$  e o predicado é ambíguo entre ser um predicado da espécie e ser um predicado de indivíduo. No entanto, a proposta de ambiguidade deixa de lado o fato de que os falantes identificam algo em comum entre ‘a laranja’ espécie e ‘a laranja’ espécime, e talvez seja possível uma solução via polissemia<sup>10</sup>.

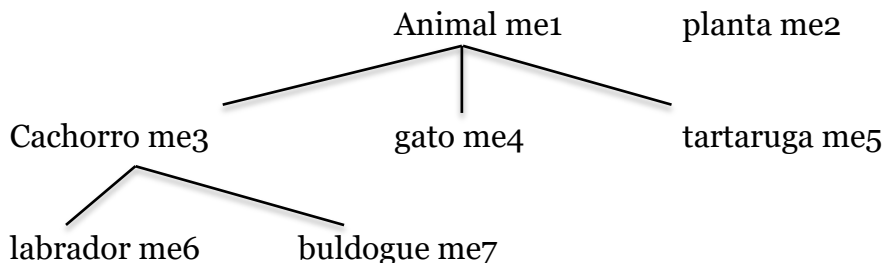
As espécies se organizam em subespécies; por exemplo, a espécie cachorro é uma subespécie de animal e tem buldogue e labrador como subespécies. Logo, elas entretêm relações distintas com as subespécies e os espécimes. As subespécies são as unidades mínimas de uma tipologia<sup>11</sup>, apresentada abaixo, que é uma estrutura hierárquica, em que o acarretamento é de cima para baixo apenas, isto é, se é

<sup>9</sup> Chierchia (1998, entre outros) segue a rota de uma operação encoberta que gera a espécie. Esse movimento vai impedir que haja espécies enquanto indivíduos singulares, o que é metafisicamente menos custoso do que a alternativa aqui assumida, em que há espécies.

<sup>10</sup> Ver Pires de Oliveira (ano?) para uma proposta de conexão que, no entanto, precisa ser revisada.

<sup>11</sup> A literatura trata como uma taxonomia (ver Dayal 2004, entre outros). Neste artigo, usamos tipologia para salientar que não se trata das classificações da biologia.

cachorro é animal, mas se é animal pode ou não ser cachorro. ‘Animal’ denota o indivíduo espécie me1; ‘planta’, me2 e assim por diante:



**Figura 3:** Tipologia.

Se o plural nu denota as subespécies, então elas estão organizadas em somas, incluindo a soma máxima, que é a soma de todas as subespécies, correspondendo à espécie como soma de subespécies. Assim, a espécie parece ser o ponto de conexão entre os espécimes, que são suas realizações, e as subespécies. O plural gera espécies porque pode denotar a soma máxima, seja no domínio dos espécimes, seja no das espécies.

Os sintagmas impõem diferentes restrições ao contexto (por exemplo, o definido singular exige familiaridade) e dão contribuições diferentes que podem ser relevantes mesmo em contextos genéricos, embora todas expressem generalizações. O singular nu introduz espécies no contexto, enquanto o definido singular requer familiaridade. O plural nu exige somas.

### **3. A “pergunta em questão” e o sintagma nominal**

Observar, no PB, os contextos em que os sintagmas nominais analisados neste artigo, o singular nu, o plural nu e o definido singular ocorrem, reproduzindo a metodologia e os contextos de Menuzzi et al. (2015), revela uma distribuição semântico-discursiva. O singular nu é a melhor opção quando o assunto é sobre o tipo de coisa ou espécie, independente de sua posição ou do predicado ser genérico ou episódico. Há uma especialização do singular nu. Assim, do ponto de vista de informação, o singular nu apenas informa sobre qual é a espécie. Ele pode introduzir espécies novas. Espécies são as suas realizações e, portanto, permitem inferência de que há espécimes, mas dizem muito pouco sobre esses indivíduos. Sua função é

informar sobre o tipo de coisa que está sendo discutido. Assim, ao mesmo tempo, o falante fornece uma informação precisa, é esse tipo de coisa que importa; ao falar sobre a espécie, ele diz muito pouco sobre a relação com os espécimes, gerando indefinidade. A comparação com o definido singular mostra que o singular nu não impõe restrições contextuais, ao passo que o definido singular exige familiaridade ou unicidade.

O definido singular é sensível ao contexto e tem, portanto, um caráter anafórico, em sentido amplo. Descritivamente, não introduz um referente discursivo em contexto genérico ou episódico. Com predicados episódicos, sua interpretação é majoritariamente de espécime. Há exceções que precisam ser mais bem compreendidas, em particular na posição de argumento interno. O plural nu parece carregar menos informação, já que pode ser usado em todas as situações investigadas, denotando uma pluralidade de indivíduos, sejam espécimes, subespécies ou espécies. Parece insensível ao tipo de indivíduo, não restringindo o domínio. Logo, o plural nu é o menos informativo, porque é um coringa, por assim dizer, entra em qualquer lugar; o definido singular é sensível ao contexto de uma maneira que não está clara, embora episodicidade seja uma característica relevante para determinar o domínio de sua atuação; finalmente, o singular nu no PB parece insensível ao contexto, tendo sua interpretação fixa; é nesse sentido um nome próprio efetivamente. Identifica uma espécie, que é apenas enquanto realizações, que são os espécimes em um certo ponto no espaço-tempo. Daí seu caráter de indefinidade.

É obrigação de qualquer semanticista desenvolver o sistema formal que utiliza para descrever a língua-objeto. Não apresentamos esse sistema, mas entendemos que é possível desenvolvê-lo, e suas linhas mestres estão dadas. Além dessa tarefa, há muito a ser compreendido sobre esses sintagmas, em especial o definido singular, sobre o qual já se falou tanto. Sem contar que o PB conta ainda com o definido plural, ‘as baleias’, e o indefinido, ‘uma baleia’ e ‘umas baleias’, deixando de lado sintagmas quantificados como ‘alguma baleia’. É também importante uma melhor compreensão de predicados como ‘tipo de’ e da estrutura de tipologia. Sem dúvida alguma, há muito trabalho a ser feito.

## **Referências**



CARLSON, Gregory N. *Reference to kinds in English*. Tese de Doutorado em Linguística, Universidade de Massachusetts, Amherst, 1977. Disponível em: <https://scholarworks.umass.edu/dissertations/AAI7726414/>

CHIERCHIA, Gennaro. Reference to Kinds across Languages. *Natural Language and Semantics*, v. 6, pp. 339-405, 1998.

CHIERCHIA, Gennaro. Kinds, Properties and Atelicity, in *SALT 33*. Yale University: LSA ; 2024.

DAYAL, Veneeta. Number marking and (in)definiteness in kind terms. *Linguistics and Philosophy*, v. 27, pp. 393-450, 2004.

DOBROVIE-SORIN, Carmen & PIRES DE OLIVEIRA, Roberta. Generic bare singulars in Brazilian Portuguese. In: ARREGI, Karlos; FAGYAL, Suzsanna; MONTRUL, Silvina & TREMBLAY, Annie (Orgs.), *Interactions in Romance. Selected papers from the 38th Linguistic Symposium on Romance Languages (LSRL)*, Urbana-Champaign, April 2008 John Benjamins, 2010, pp. 203-216.

FERREIRA, Marcelo. Bare Nominals in Brazilian Portuguese. In: CABREDO HOFHERR, Patricia; DOETJES, Jenny (eds.). *Oxford Handbook of Grammatical Number*. Oxford: Oxford University Press, 2021.

FERREIRA, Marcelo. *Pragmática. Significado, comunicação e dinâmica contextual*. São Paulo: Contexto, 2023.

KRIFKA, Manfred; PELLETIER, Francis Jeffrey; CARLSON, Gregory; TER MEULEN, Alice; CHIERCHIA, Gennaro; LINK, Godehard. Genericity: an Introduction. In: CARLSON, Gregory; PELLETIER, Francis-Jeffrey. (eds.) *The Generic Book*. Chicago: the Chicago University Press, 1995, pp. 1-124..

LANDMAN, Fred. Groups I. *Linguistics and Philosophy*, 12, pp. 559-605, 1989.

LANDMAN, Fred. *Structures for Semantics*. Dordrecht: Kluwer, 1991.

LANDMAN, Fred & ROTHSTEIN, Susan. Incremental homogeneity in the semantics of aspectual for-phrases. In RAPPAPORT-HOVAV, SICHEL & DORON, Edit (orgs.) *Syntax, Lexical Semantics and Event Structure* Oxford: Oxford University Press, 2010, pp. 229-251.

LINK Godehard. The Logical Analysis of Plurals and Mass terms. In: BÄUERLE, Rainer; VON STECHOW, Arnim; SCHWEZER, Christoph (eds.). *Meaning, use, and the interpretation of language*. Amsterdam: Mouton de Gruyter, 1983, pp. 302-23.

MARIANO, Ruan. *A Aquisição da genericidade-D no Português Brasileiro*. 2018. 246f. Tese (Doutorado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, Campinas, 2018.

MENUZZI, Sérgio de Moura; FIGUEIREDO SILVA, Maria Cristina; DOETJES, Jenny. 2014. Subject Bare Singulars in Brazilian Portuguese and Information Structure. *Journal of Portuguese Linguistics*, v. 14, n. 1, pp. 7-44, 2015.

MÜLLER, Ana Lúcia. Genericity and the denotation of common nouns in Brazilian Portuguese. *D.E.L.T.A.*, v. 18, pp. 287-308, 2002a.

MÜLLER, Ana Lúcia. The semantics of generic quantification in Brazilian Portuguese. *Probus* 1(14), 279-298

MÜLLER, Ana Lúcia. Tópico, foco e nominais nus no português brasileiro. In NEGRI, Lígia; FOLTRAN, Maria José & PIRES DE OLIVEIRA, Roberta (eds.) *Sentido e significação: em torno da obra de Rodolfo Ilari*. São Paulo: Contexto, 77-95.

MUNN, Alan & SCHMITT, Cristina. Number and indefinites. *Lingua* 115, 2005, pp. 821-855.

PIRES DE OLIVEIRA, Roberta. O plural no português brasileiro e no inglês: comparando através das línguas. *Caderno de Squibs* 5(1), 2019, pp. 15-24.

PIRES DE OLIVEIRA, Roberta. A expressão da espécie no Português Brasileiro nomes nus e definido genérico. *Revista Linguística*, v. 18 n. 1, 2022, pp.327-346.

<https://revistas.ufrj.br/index.php/rl/article/view/52933>

PIRES DE OLIVEIRA, Roberta & MARIANO, Ruan. Mulher discutiu futebol: estrutura informacional e os nominais nus no PB. *Anais do VII Congresso Internacional da Abralin*, v.1, pp. 3744-3757.

PIRES DE OLIVEIRA, Roberta; ROTHSTEIN, Susan. Bare Singular noun phrases are mass in Brazilian Portuguese. *Lingua*, v. 121, pp. 2153-75, 2011.

QUAREZEMIN, Sandra. Clivadas e a focalização no português brasileiro. In: PIRES DE OLIVEIRA, Roberta & MIOTO, Carlos. (eds.) *Percursos em Teoria da Gramática*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2011, pp.95-114.

ROBERTS, Craige. Information Structure: towards an integrated formal theory of pragmatics, *Working Papers in Linguistics*, v. 49, Ohio State University, 1996, pp. 91-136.

RODRIGUES, Gabriel Roisenberg; MENUZZI, Sérgio. Articulação Informacional. In: PIRES DE OLIVEIRA, Roberta & MIOTO, Carlos. (eds.) *Percursos em Teoria da Gramática*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2011, pp. 205-236.

ROOTH, Mark. A theory of focus interpretation. *Natural Language Semantics* 1, 1992, pp. 75-116.

SANTANA, Raíssa Silva. *O singular nu sujeito e a genericidade no português brasileiro infantil*. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, 2019.

SCHMITT, Cristina & ALAN, Munn. Against the Nominal Mapping Parameter: Bare nouns in Brazilian Portuguese. In: TAMANJI, Pius; HIROTANI, Masako; HALL, Nancy (eds.). *Proceedings of NELS 29*. Amherst, MA: GLSA, 1999, pp. 339-54.

SCHMITT, Cristina & MUNN, Alan. The syntax and semantics of bare arguments in Brazilian Portuguese. *Linguistic Variation Yearbook* 2, pp. 253-69, 2002.